



INTER
FACES
CIENTÍFICAS

HUMANAS E SOCIAIS

ISSN IMPRESSO 2316-3348

ISSN ELETRÔNICO 2316-3801

DOI 10.17564/2316-3801.2015v4n0p23-32

DISCURSO CIENTÍFICO PARA AS MÃES MODERNAS NA TELEVISÃO: O REFORÇO DE ESPECIALISTAS

SCIENTIFIC DISCOURSE FOR MODERN MOTHERS ON TELEVISION: REINFORCING SPECIALISTS.
DISCURSO CIENTÍFICO PARA LAS MADRES MODERNAS EN LA TELEVISIÓN: EL FORTALECIMIENTO DE LOS ESPECIALISTAS

Rafael Siqueira de Guimarães¹

Cleber Braga²

RESUMO

O objetivo deste estudo foi realizar uma análise dos discursos de especialistas apresentados na série “Mothern”, veiculada pelo canal GNT (Globosat) de TV fechada no Brasil. Para a análise foram tomados discursos de cinco diferentes especialistas, cada um sobre um tema distinto e como operadores realizou-se uma discussão sobre a presença do discurso científico moderno no discurso televisivo e os modos de endereçamento utilizados. Verifica-se, com exceção

de uma das especialistas, a generalização do discurso científico em favor de um regramento da conduta da mãe, assumindo o protagonismo na criação de seus filhos e filhas.

PALAVRAS-CHAVE

Televisão. Educação. Discurso Científico. Maternidade.

ABSTRACT

The objective of this study was to analyze the speeches of experts presented in “Motherhood” series, broadcast by GNT (Globosat) closed TV in Brazil. For the analysis of five different specialists speeches were taken, each on a different theme and as operators held a discussion on the presence of modern scientific discourse in the televised speech and addressing modes used. There is,

except for one of the experts, the generalization of scientific discourse in favor of a mother’s conduct regulations assuming the leading role in the creation of their sons and daughters.

KEYWORDS

Television. Education. Scientific Discourse. Maternity.

RESUMEN

El objetivo de este trabajo fue realizar un análisis de los discursos de expertos presentados en la serie “Motherhood”, desde la cadena de televisión GNT (Globosat), de TV a cable de Brasil. Para el análisis fueron tomados discursos de cinco distintos expertos, cada uno sobre un tema específico y como operadores se realizó una discusión sobre la presencia del discurso científico moderno en el discurso televisivo y los modos de direccionamiento utilizados. Se puede percibir,

con excepción de una de las estudiosas, la generalización del discurso científico apoyando las reglas de conducta de la madre como protagonista de la educación de sus hijos e hijas.

PALABRAS CLAVE

Televisión. Educación. Discurso Científico. Maternidad.

1 INTRODUÇÃO

Este artigo tem o objetivo de apresentar a análise dos discursos de especialistas presentes na série de televisão “Mother”, veiculada pelo Canal GNT (Globosat) de TV fechada do Brasil. Esta série, totalmente produzida no Brasil pela Mixer/GNT, tem como tema central o cotidiano de quatro mães na educação de seus filhos e filhas, foi criada por Luca Paiva de Mello e Rodrigo Castilho, livremente inspirada no blog homônimo, que deu também origem à coluna na Revista Trip das jornalistas Juliana Sampaio e Laura Guimarães.

A série – de ficção – recria as vicissitudes da relação estabelecida na díade mãe – filhos e filhas, narrando histórias que envolvem as dificuldades das mães em lidar com comportamentos e afetos advindos desta relação em diversos momentos da vida das crianças – e da família –, propondo diferentes formas de lidar com estas situações problemáticas. As histórias são protagonizadas por quatro mães distintas, com composições familiares que aludem a uma diversidade – duas das mães são casadas, a outra está no segundo casamento, a outra é uma mãe que decidiu criar sua filha sem se casar ou viver com o companheiro.

Todas são heterossexuais, têm uma condição socioeconômica que não apresenta dificuldades para a criação de seus filhos e filhas e são brancas. Realiza-se esta pequena descrição para um melhor entendimento da série como um todo, especialmente sobre como são as personagens-mães dessas narrativas, entretanto chama-se a atenção, neste trabalho, para outro ponto, que é o fato de que, em cada capítulo há a participação de um (a) especialista em educação que comenta o tema em questão: são estes os discursos que serão objetos de análise neste estudo.

Como aponta Santos (2006), estabeleceu-se, a partir da Revolução Científica do Século XVI, especialmente sob o domínio das ciências naturais, um paradigma que o autor intitula de “paradigma dominante”, que se estende, ao longo dos séculos posteriores, às ciências sociais. Segundo o autor português:

A partir de então pode falar-se de um modelo global de racionalidade científica que admite variedade interna mas que se distingue e defende, por via de fronteiras ostensivas e ostensivamente policiadas, de duas formas de conhecimento científico (e, portanto, irracional) potencialmente perturbadoras e intrusas: o senso comum e as chamadas humanidades ou estudos humanísticos (em que se incluíram, entre outros, os estudos históricos, filológicos, jurídicos, literários, filosóficos e teológicos). (SANTOS, 2006, p. 21).

Apesar de passarmos por um período de transição entre a hegemonia deste discurso dominante na ciência moderna para a convivência com paradigmas emergentes sobre o que é conhecimento, Santos (2006) aponta ainda uma preponderância neste modelo de produção. Além disso, os chamados Estudos Culturais em Educação apontam que:

[...] compreensões correntes sobre a Ciência e seus temas decorrem, não apenas, de processos de significação instaurados na academia, nas instituições de pesquisa, nas Filosofias e Histórias da Ciência, mas também nos discursos da propaganda, da economia de mercado, da Medicina, do turismo, da mídia, entre tantos outros construídos/instituídos, e circulantes nas diferentes instâncias da cultura e em seus produtos. (WORTMANN; VEIGA-NETO, 2001, p. 116).

Neste sentido, parece importante enfatizar aqui o quanto ao mesmo tempo em que se constroem discursos sobre a Ciência – que não é apenas teórica, mas também prática – nos meios científico-acadêmicos, igualmente se institui discursos científicos nos espaços da mídia. Como há, como apontado acima, uma dominância de um determinado tipo de conhecimento científico, os discursos midiáticos, na comunicação com os seus interlocutores – no caso, suas interlocutoras, as mães – se apropria destes discursos – e das verdades que eles representam – para educá-las na criação de seus filhos e suas filhas.

Guimarães (2014) já realizou um estudo sobre o mesmo seriado, enfocando as histórias das mães modernas e os discursos sobre o feminino, demonstrando como as características próprias da heterossexualidade compulsória – termo utilizado a partir da compreensão de Judith Butler (2003) – estão

presentes na composição destas famílias e na forma “adequada” de criação de filhos e filhas:

Todas as mães modernas são heterossexuais, ou estão com seus maridos/namorados ou já tiveram algum. É desviante ser mãe em uma família que não seja da ordem heterossexual, a classe burguesa da qual fazem parte as mães modernas é composta normalmente (e aqui uso o termo propositadamente) por pessoas heterossexuais. Além de ser normativo ter filhos em um determinado momento (filho biológico), porque isso é papel da mulher, está naturalizado, também é natural que uma mulher seja heterossexual, compulsoriamente. Se estivermos falando da mulher moderna normal, obviamente ela será heterossexual. (GUIMARÃES, 2014, p. 137).

Assim, também como operador das análises que serão apresentadas na sequência, há o conceito de modos de endereçamento, termo essencial para compreendermos como se dá esta interlocução, na série “Mothern” entre os discursos de especialistas e com quem estes discursos dialogam, as mães. O conceito vem dos estudos de cinema e diz respeito à forma como se constitui, na produção audiovisual, a estrutura do público determinado e imaginado, por meio das imagens, da história, da forma como são organizadas as imagens, convidando, como aponta Masterman (1985), o público a ocupar determinado espaço social perante a imagem. Entretanto, como nos lembra Ellsworth (2001, p. 20):

O espectador ou a espectadora nunca é, apenas ou totalmente, quem o filme pensa que ele ou ela é. [] A maneira como vivemos a experiência do modo de endereçamento de um filme depende da distância entre, de um lado, quem o filme pensa que somos e, de outro, quem nós pensamos que somos, depende do quanto o filme “erra” seu alvo.

Isto significa dizer que um público – no caso aqui, as mães – é sempre imaginado, de acordo com algumas características sobre este determinado público, mas que pela diversidade de mães que possam ser interlocutoras de “Mothern” e pelos próprios modos de construção das subjetividades – e, logo, dos modos de “ser mãe moderna” – não há como definir exatamente

quem é esta mãe, entretanto, do ponto de vista operacional, a série traça um perfil de mãe, que se expressa nos seus discursos, no meio (televisão fechada) onde é produzida, as respostas anteriores na revista Trip e no blog das jornalistas, que possam dar indícios sobre estes discursos e estes endereçamentos.

Em seguida, serão analisadas algumas passagens da participação de especialistas na primeira temporada da série, que foi lançada também em DVD, numa compilação de dez episódios, que se define como “[...] repleta de reflexões, problemas e situações que uma mãe moderna enfrenta” (MOTHERN, 2007, s/p.)

CENA 1

Todos os episódios de “Mothern” apresentam uma entrevista inicial com algum (a) especialista, normalmente que tenha relação com a Universidade. Em todos os casos, são apresentados como mães ou pais, sem a referência à Instituição ou maiores explicações sobre sua formação ou âmbito de estudos. De um lado, o discurso científico se integra às histórias que vêm na sequência, dando subsídio teórico para a narrativa que se segue e, por outro, aproxima a mãe-moderna que vai assistir ao episódio da mãe ou pai-especialista, que comenta o tema do referido episódio.

Como aponta Fischer (2003), a televisão é um eletrodoméstico que ocupa o espaço público e por ela tudo passa, (re) construindo significações e significados, ou seja, o que se passa no tecido social segue para a televisão, ela reflete e, ao mesmo tempo, ajuda na produção e reprodução deste tecido social. Em seus processos de produção de comunicação utiliza de diversos mecanismos e pode-se dizer que a estratégia escolhida pela equipe de criação de “Mothern” foi a criação de uma linguagem própria de aproximação com o público de seu endereçamento, como já mencionado anteriormente (ELLSWORTH, 2001).

Na seção de “Extras” do Dvd da série, a equipe de criação indica que para dar cabo a esta estratégia realizou, além de encontros com as atrizes, todo o elenco e equipe de criação, encontros com mães, discutindo temas. Isso aproximou sobremaneira as narrativas e

as mães modernas reais e acaba por se desdobrar na estratégia midiática da forma de apresentação dos especialistas, pois a referência que se apresenta sobre elas/eles é o seu nome (algumas vezes até sem o sobrenome), indicando o nome de seus filhos e suas filhas. Por exemplo, Yudith é apresentada como mãe de André e Thomás.

Na sua entrevista, ela diz: “Esta relação, eu acho que ela é construída. Uma história que a gente constrói, não está pronta, não vem de encomenda e a gente não compra num lugar [] que tem um manual de instruções” (MOTHERN, 2007). Ao mesmo tempo em que não se discursa como sendo um manual, é um, pois se constitui como uma tentativa, desde sua criação inicial como um “manual para a mãe moderna”, na definição das próprias autoras do blog e do livro.

Ao se apoiar, inclusive, no discurso científico, considerando as mães modernas espectadoras que assistem à TV a cabo, que conhecem ou procurarão saber quem são estes especialistas em educação de crianças, a série reifica o lugar do discurso científico, marca sua importância, mantém sua dominância e usa esta estratégia de aproximação da telespectadora da cientista, que também é mãe. A experiência, pela necessidade de constatação e de apoio do conhecimento científico dominante, marca-se como um modelo global e atinge a estas mães modernas, pela televisão:

Pode parecer surpreendente e até paradoxal que uma forma de conhecimento, assente numa tal visão de mundo, tenha vindo a constituir um dos pilares da ideia de progresso que ganha corpo no pensamento europeu a partir do século XVIII e que é o grande sinal intelectual da ascensão da burguesia. Mas a verdade é que a ordem e a estabilidade do mundo são a pré-condição da transformação tecnológica do real. (SANTOS, 2006, p. 31).

CENA 2

Sobre o tema da liberdade, Guto indica que “a hora de ir para a cama marca o começo da liberdade do mundo dos adultos”. A ideia moderna de infância, como aponta Ariès (1981) marca um momento muito importante na História, especificamente porque

marca o espaço deste momento como um movimento do desenvolvimento humano, com características próprias e espaços próprios. No mundo do capitalismo atual, as relações se estabelecem em função destes espaços construídos na modernidade e nas relações autômatas que estes espaços geram.

Guattari e Rolnik (1986) chamam a atenção para o processo de produção de subjetividades que o sistema capitalista, que passam a chamar de “capitalístico”, pois tem, além da produção de bens materiais como meta, o principal objetivo de produção de subjetividades:

[...] o que há é simplesmente uma produção de subjetividade. Não somente uma produção da subjetividade individual – subjetividade dos indivíduos – mas uma produção da subjetividade social, uma produção da subjetividade que se pode encontrar em todos os níveis da produção e do consumo. E mais ainda: uma produção da subjetividade inconsciente. (GUATTARI; ROLNIK, 1986, p. 16).

Ao reificar uma regra nos espaços ocupados de crianças e adultos nas relações familiares, o discurso científico do especialista em subjetividade – o terapeuta! – fabrica, arbitrariamente, mantendo o discurso do poder em relação aos modos de operação na produção da subjetividade social. Este processo marca o espaço de saber-poder mantido pela psicologia no seu exercício de controle da subjetividade que remonta às suas origens, como aponta Figueiredo (1991), ciência que nasce no interior do paradigma dominante das Ciências Naturais, estabelecendo regras e valores para a subjetividade e tendo como objeto sua previsão e controle.

Na prerrogativa contemporânea de promover a subjetividade saudável, no interior das relações familiares e na criação de filhos e filhas, a mesma ciência mantém este papel, reproduz seu discurso de controle, marca subjetivamente os espaços dos adultos e das crianças, reificando o discurso midiático.

CENA 3

Em seu relato, Elisa Maria reflete sobre a questão da memória, tema tão caro à psicanálise, “A gen-

te precisa ter liberdade de voltar ao passado [] e, ao mesmo tempo, a gente tem que conservar a distância consciente dessas experiências de regressão”, indica a psicanalista. Em um estudo clássico junto à classe média francesa nos anos 1960, Moscovici (1978) verificou que havia um conhecimento sobre os conceitos psicanalíticos bastante evidentes para esta população. A psicanálise nasce no interior da ciência moderna dominante e, mesmo que tenha desviado de uma ciência mecanicista, também se consolida pelo rigor científico e, portanto, passa a ser reconhecida como ciência.

O endereçamento totalmente factível de que estas mães modernas espectadoras possam compreender o discurso psicanalítico, quando do uso dos conceitos de consciente e de regressão, por exemplo, aproxima este discurso das práticas e reflexões destas mães. Trata-se, portanto, de um chamado, de um alerta, aos processos psicológicos saudáveis, controlados, que estejam distantes da vivência da regressão como um mecanismo de defesa. Estes discursos, apoiados pela psicanálise trabalham na dinâmica cultural em relação à mãe moderna espectadora, é compreensível a ela e funcionam como indicativos de modos de ser, operados de diversas formas pela mídia televisiva, como aponta Fischer (2003).

Ao incluir o discurso psicanalítico – e seus conceitos – a mãe moderna espectadora se sente, não apenas pela temática da educação de seus filhos, mas pelo uso da linguagem científica da psicanálise, contemplada. Isso diz respeito a fazer parte de uma classe social, a ter formação ou conhecimento necessário para entender este discurso que seria complexo a outras mães e trabalha no sentido da produção destas subjetividades, na hierarquização do conhecimento, na manutenção deste tipo de discurso científico entre este público porque é valorizado como tal.

CENA 4

Carmita fala sobre a divisão do trabalho entre homens e mulheres na criação dos filhos: “Ele cada vez mais está disponível para ajudar. Mas acontece que esta ajuda acaba não sendo exatamente aquela que

ela pretende, porque na verdade essa mulher quer alguém que a substitua exatamente como ela é”. O discurso científico, assim como o discurso educacional, como aponta Louro (1997), é sexista, mantém os padrões de relação de divisão entre os sexos, entre os espaços de convivência e entre os papéis sexuais estabelecidos como naturais, como se esse lugar fosse definido biologicamente.

Em seu discurso, a especialista aponta para uma exigência da mulher em relação ao papel que ela espera do homem, atribuindo, neste discurso, que o homem estaria “disposto” a ajudar, mas que a exigência da mulher é que ele seja igual a ela. Atente-se para o fato que esta série é endereçada às mulheres, o público pensado é a mãe moderna e trata-se de um manual de conduta a ela. O discurso científico vem aqui reificar este lugar da mãe moderna, o lugar da responsabilidade pelos cuidados, que depois, por meio desta mesma reificação, se desdobra nos cuidados das babás, das cuidadoras nas creches, nas professoras da educação básica. Louro (1997, p. 21) nos lembra que:

As desigualdades só poderão ser percebidas – e desestabilizadas e subvertidas – na medida em que estivermos atentas/os para suas formas de produção e reprodução. Isso implica operar com base nas próprias experiências pessoais e coletivas, mas também, necessariamente, operar com apoio nas análises e construções teóricas que estão sendo realizadas.

As desigualdades entre os sexos aqui apresentadas no discurso da especialista na série, pelo contrário, não subvertem a ordem naturalizada, reificam os espaços na educação e outorgam à mulher o protagonismo principal na educação de filhos e filhas.

CENA 5

Rosely participa de um episódio com o tema da diversidade, e comenta: “pais e filhos formam um grupo, que eu chamo de clube, um pequeno clube fechado, e não se admite com frequência sócios novos”. Em seguida, é a única especialista que problematiza, sem enfatizar regras, sua temática, comen-

tando a rigidez em que são estabelecidos os laços familiares no contemporâneo e como a aceitação da diferença é dificultada.

Mesmo estando inserida no âmbito científico, ao apresentar um questionamento em relação a um modelo que está estabelecido-naturalizado e sem apresentar um modelo idealizado, por meio do regramento, a especialista propõe à mãe moderna – e, conseqüentemente, à família, porque não enfatiza o papel da mãe apenas – uma relação mais crítica ao conhecimento. Podemos dizer que Rosely realiza uma crítica em relação aos próprios modelos que a televisão dimensiona, nos termos em que Fischer (2003) nos chama a atenção, que a leitura e o uso crítico da televisão, por conta de seu campo de ação junto às pessoas, se faz necessário.

Provavelmente, como consciente de seu papel de educadora participante do processo de educação midiática ao participar de uma série que se propõe como um manual de educação de crianças, Rosely usa seu espaço para um discurso que podemos chamar de um processo de singularização. Mesmo com todas as forças estabelecidas-instituídas, os códigos rigorosos, o lugar da ciência e a expectativa de reprodução do discurso em forma de manual, a educadora aponta para o problema da rigidez, seguindo exatamente o contrário que suas/seus colegas fizeram, como apresentado.

Um processo de singularização é, como apontam Guattari e Rolnik (1986, p. 21):

[] uma maneira de recusar todos esses modos de encodificação preestabelecidos, todos esses modos de manipulação e de telecomando, recusá-los para construir, de certa forma, modos de sensibilidade, modos de relação com o outro, modos de produção, modos de criatividade que produzam uma subjetividade singular.

Os autores ainda apontam que estas possibilidades de singularização não precisam ocorrer totalmente fora das instituições nem das culturas, que são processos micropolíticos que, de maneira bastante sutil muitas vezes, promovem novas discursividades, novos modos de vir-a-ser. No caso específico, o âmbito de ressonância de seu discurso de especialista é junto às

mães modernas e rompe com o fluxo dos outros discursos aqui apresentados, que promovem a reificação e a manutenção dos discursos científicos, embasados seja pela psicologia, pela psicanálise ou pela educação.

2 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

O estudo apresentado buscou refletir acerca dos discursos de especialistas apresentados em alguns episódios da série televisiva “Mothern”, não tendo, com isso, esgotado suas possibilidades de interpretações, nem sequer trabalhou com todo o material disponível. Verifica-se que o discurso científico vem apoiar o discurso midiático, promovendo a rigidez e a naturalização-generalização do processo educativo, atribuindo à mãe o protagonismo na criação de seus filhos e filhas.

Estes discursos, realizados pelos especialistas envolvidos no programa, acabam por tecer uma rede de significados que, por sua vez, evidencia o processo de construção da ideia de maternidade. É por meio da linguagem que podemos reconhecer tal processo, no estreitamento entre discurso e “realidade”. É por meio destes “jogos de linguagens” – que, segundo a acepção de Wittgenstein (1953/1999), se configuram como uma espécie de sistema de usos, de aplicações interligadas – que se evidencia o significado do referente em relação direta com o discurso, mediado pelas palavras. Deste modo, é possível desnaturalizar sentidos tais como “maternidade”, “infância”, “ciência”, e considerar a forma como são construídos por relações sociais, pela tensão entre o dizer e o fazer.

Esse mesmo processo de construção de sentidos remete à noção de performance que, segundo Schechner (2006), se faz presente em toda e qualquer atividade humana. Para o autor, performances são comportamentos restaurados, não inéditos. Correspondem a uma fazer que leva em consideração um outro desempenho prévio. Deste modo:

Performances marcam identidades, dobram o tempo, remodulam e adornam o corpo, e contam histórias. Performances – de arte, rituais, ou da vida cotidiana

– são “comportamentos restaurados”, “comportamentos duas vezes experienciados”, ações realizadas para as quais as pessoas treinam e ensaiam (...). Assim, fica claro que, para realizar arte, isto envolve treino e ensaio. Mas a vida cotidiana também envolve anos de treino e de prática, de aprender determinadas porções de comportamentos culturais, de ajustar e atuar os papéis da vida de alguém em relação às circunstâncias sociais e pessoais. (SCHECHNER, 2006, p. 2).

As maternidades expressas nos relatos do seriado – via cientificismo das opiniões proferidas pelos especialistas – se configuram como processos performativos que aludem a comportamentos prévios, a dizeres e a fazeres já experienciados anteriormente. Dão-se em relação a modelos selecionados em um repertório perceptivo (a ideia de maternidade, a ideia de ciência) e ratificam tais modelos pela construção do discurso.

Isso, contudo, não pode ser compreendido apenas como uma cópia de outros comportamentos prévios. Nenhum comportamento pode ser clonado perfeitamente. Determinadas nuances, combinações relacionadas ao contexto (tom de voz, estúdio de TV etc.) reorganizam a experiência em outros termos, conferindo uma determinada especificidade ao evento que fará com que uma performance, paradoxalmente, não seja nunca igual a outra.

Seguindo esse raciocínio, há que se considerar ainda a virtualidade da presença dos agentes performativos do programa de TV, pois “performances existem apenas enquanto ações, interações e relações” (SCHECHNER, 2006, p. 4). O processo performativo segue quando a emissão destes programas atinge o público, constituindo-se ainda enquanto uma construção à medida que este público interage com estes modelos de comportamentos apresentados na emissão.

À medida que a “identidade científica” das/dos especialistas é ocultada e são apresentados apenas como pais ou mães que supostamente expressam sua opinião – baseada, aparentemente, apenas na experiência da paternidade/maternidade – uma questão se coloca: qual a função disto que pode ser compreendido com uma estratégia narrativa do programa televisivo? Por que ocultar que estes pais e mães são também reconhecidos especialistas?

Na tentativa de responder a tais questões, vale considerar que quem possui o domínio sobre uma linguagem possui também o domínio sobre a representação, como sugere Silva (2014). Contudo, a noção de representação referida difere da noção clássica do termo, mimética, capaz de tornar o real presente, e aponta para uma perspectiva pós-estruturalista:

Aqui, a representação não aloja a presença do “real” ou do significado. A representação não é simplesmente um meio transparente de expressão de algum suposto referente. Em vez disso, a representação é, como qualquer sistema de significação, uma forma de atribuição de sentido. Como tal, a representação é um sistema lingüístico e cultural: arbitrário, indeterminado e estreitamente ligado a relações de poder. (SILVA, 2014, p. 91).

É operando deste modo que a linguagem televisiva se configura como um sistema de representações – editando, ocultando ou destacando informações. Assim, ela não apenas oferece um quadro imparcial da realidade, mas ressalta uma leitura científica específica sobre as condutas maternas. Ela simula um discurso aparentemente leigo que, por sua vez, irá representar os saberes científicos eleitos pelo programa para reiterar o papel materno.

Com isto, observa-se a presença da manutenção do discurso da classe social e o discurso sexista como principais norteadores para as generalizações. É importante salientar que em um estudo sobre as Revistas TRIP e TPM (BURBULHAN; GUIMARÃES, 2011), onde as colunas que deram origem à série televisiva aqui estudada foram publicadas, foi verificado o mesmo tipo de discursividade que, em um ambiente aparentemente modernizado se refletiram mensagens que refletem a padronização dos corpos, dos sexos e dos lugares sociais de homens e mulheres.

Importa-nos lembrar que este manual midiático remonta às tradições dos manuais escritos nas décadas de 1960 e 1950, nos quais as regras para cuidados de filhos, em diversos momentos do desenvolvimento, são apresentadas. Isto se constrói no interior de um regime de verdade, como nos lembra Foucault (2005). Ao reconstruir o uso do mito do Édipo no interior da

psicanálise, o autor nos lembra como esta narrativa se constituiu num regime de verdade, utilizado sobremaneira pela ciência psicanalítica, para normatizar e orientar a forma como o desenvolvimento infantil deveria acontecer: se constroi aí um padrão normal e o que se desvia dele é patológico.

Mesmo que Freud tenha dado passos e compreendido, para além de uma neuromedicina organicista, a separação entre normalidade e patologia, a psicanálise define, por seu regime organizado de conceituação, uma verdade e isso colabora evidentemente para toda uma tradição de entendimento de família e de como deveria estar normatizada a relação entre mães/pais e filhas/filhos.

A ratificação deste sistema se dá nos manuais compartilhados a mães, tendo estas seu lugar privilegiado, ou, melhor dizendo, exclusivo na criação dos filhos, mas no sentido educativo, visa intensificar a normatização, ensinando o que estas mães devem fazer. A ciência, por meio da pesquisa em desenvolvimento infantil – não apenas de cunho psicanalítico, obviamente, que é representativa, mas não exclusiva deste regime de verdade – demonstra, por meio de publicações de livros, artigos e, posteriormente, vídeos e materiais on-line, embasados em fontes científicas, empiricamente comprovadas, apresenta diversas regras de cuidado, que vão desde a higiene básica até a forma de castigar ou dar feedbacks positivos, passando pela forma de vestir, organizar a vida, escolher a escola etc.

Este discurso é tão evidente na “nova cultura oral” (ALMEIDA, 1994), que se desenvolve pós-cinema e, principalmente, após a democratização da televisão que, apesar de o livro não ter desaparecido das prateleiras (há inúmeros manuais impressos sobre o tema, que se desdobram em regras de toda sorte para a criação de crianças), programas para “mulheres” e, especialmente, para “mães”, se tornam cada vez mais comuns. O dispositivo normatizador da família ganha cada vez mais força, pois, de forma muito efetiva, imbrica-se discursivamente, com todas as suas justificativas científicas, criando rotas a serem seguidas.

Entretanto, como nos lembra Deleuze (1996), um dispositivo não é algo terminado, possui linhas de for-

ça – e linhas de fuga. Mesmo que, aqui em nossa pesquisa, demonstramos que a maioria das/dos especialistas tenham reificado os discursos de classe, gênero e normatizadores da organização do desenvolvimento infantil, definindo fases e formas de agir, baseadas em preceitos morais que representam estes ideários, há sujeitos do discurso que indicam outros caminhos, questionam, no interior do instituído, com as regras do instituído e no aparelhamento instituído, estes ideários com estas regras. Apresentam, então, outros agenciamentos possíveis para as relações nas famílias, descobertas outras e possibilidades de criação de outras formas de lidar com a maternidade. Mesmo que sejam marginais, estes discursos singularizam-se no interior do processo institucionalizado-midiático de “Mothern” e podem servir, a olhares atentos e críticos, como ancoragem para novas formas de olhar para o “ser mãe” na contemporaneidade.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Milton José de. **Imagens e sons**: a nova cultura oral. São Paulo: Cortez, 1994.
- BURBULHAN, Fernanda; GUIMARÃES, Rafael Siqueira de. Relações de gênero, mídia escrita e contemporaneidade: Análise do discurso nas Revistas Trip e TPM. **Public. UEPG Cienc. Soc. Apl.** Ponta Grossa, v.19, n.1, jan-jun 2011. p.67-76.
- BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- DELEUZE, Gilles. **O mistério de Ariana**. Lisboa: Vega – Passagens, 1996.
- ELLSWORTH, Ellen. Modo de endereçamento: uma coisa de cinema; uma coisa de educação também. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. **Nunca fomos humanos**: nos rastros do sujeito. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

FIGUEIREDO, Luis Claudio Mendonça. **Matrizes do pensamento psicológico**. Petrópolis: Vozes, 1991.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. **Televisão e educação: fruir e pensar a TV**. 2.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

FOUCAULT, Michel. **A verdade e as formas jurídicas**. 3.ed. Rio de Janeiro: NAU, 2005.

GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. **Micropolítica: cartografias do desejo**. 3.ed. Petrópolis: Vozes, 1986.

GUIMARÃES, Rafael Siqueira de. Um manual da mãe moderna na televisão: espaço de representações do feminino. In: MOREIRA, R. et al. (Org.). **O Gênero e os Meios**: Imprensa, Televisão e Cinema. Londrina: Syntagma, 2014, p. 133-138.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**: uma perspectiva pós-estruturalista. 2.ed. Petrópolis: Vozes, 1997.

MASTERMAN, Len. **Teaching the media**. Londres: Comedia, 1985.

MOTHERN. **Série de TV**. Direção: Luca Paiva Mello. Son. Color. Mixer/GNT, 2007.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Um discurso sobre as ciências**. 4.ed. São Paulo: Cortez, 2006.

SCHECHNER, Richard. O que é performance. In: **Performance studies: an introduction**, 2.ed. New York & London: Routledge, 2006. p.28-51.

SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. (Org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. 14 ed. Petrópolis: Vozes, 2014. p.73-102.

WITTGENSTEIN, Ludwig. Investigações Filosóficas. **Coleção Os Pensadores**. São Paulo: Nova Cultura, [1953] 1999.

WORTMANN, Maria Lúcia Castagna; VEIGA-NETO, Antonio. **Estudos culturais da ciência e educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

Recebido em: 27 de Julho de 2015
Avaliado em: 2 de Setembro de 2015
Aceito em: 2 de Setembro de 2015

1. Professor Adjunto do Instituto de Humanidades, Artes e Ciências/
Universidade Federal do Sul da Bahia – Campus Jorge Amado (Itabuna/
BA). E-mail: rafaorlando@gmail.com

2. Doutorando do Programa Multidisciplinar de Pós-Graduação Em
Cultura e Sociedade pela Universidade Federal da Bahia.
E-mail: cleberbrag@gmail.com